

# A AGRICULTURA NO MERCOSUL

José Ricardo Severo<sup>(1)</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

O auge da integração na América Latina foi atingido com a assinatura do Tratado de Assunção em 1991, que constituía então o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), fixando para 31 de dezembro de 1994, a formação da zona livre de comércio entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Passados seis anos da assinatura do Tratado, a estrutura comercial exterior do Brasil sofreu grandes transformações. Segundo Viner (1993) as quedas de barreiras comerciais com a formação de blocos econômicos têm elevado a eficiência produtiva, o desempenho comercial e a comercialização dos países integrantes. É fácil verificar este fato analisando a eficiência comercial dos blocos econômicos, que apresentam dados surpreendentes. O bloco europeu, por exemplo, concentrou 41% das exportações globais, o NAFTA concentrou 17%, o bloco asiático 26%, a América do Sul representou 2,5% e o Mercosul representou 1,5% no total das exportações mundiais.

Neste contexto a importância intra-sub-regional entre o Brasil e os países integrantes tem se tornado cada vez mais evidente. Basta verificar a reciprocidade entre o Brasil e Argentina: no ano de 1990, de todas as exportações argentinas 11,5% foram destina-

das para o Brasil, em 1995 este valor aumentou para 27,5%. Por outro lado, em 1990, 2,1% das exportações totais brasileiras foram para a Argentina, aumentando esta participação para 9,4% em 1995. Desta forma, a Argentina passou para segundo lugar em parceria comercial com o Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos.

Com este fluxo comercial, a agricultura é o setor de integração que avançou com mais rapidez pois, sendo mais sensível a questões de competitividade e de regras de mercados, tem sofrido uma transformação rápida nos seus fatores de produção, como forma de superar as dificuldades decorrentes de uma abertura comercial, ou seja, quedas de barreiras tarifárias que funcionavam como proteção comercial.

## 2. INTERCÂMBIO COMERCIAL BRASIL x MERCOSUL

A partir da assinatura do Tratado de Assunção, registrou-se um notável crescimento no fluxo comercial do Brasil com o Mercosul, conforme mostra a Tabela 1. Nota-se que, a partir da assinatura do Tratado (março de 1991), até 1996 o crescimento nas importações foi de 3,7 vezes. Para as exportações o índice atingiu um crescimento 15% menor que o das importações.

No período de 1994 a

1996 o acentuado crescimento das importações foi decorrente da queda das barreiras alfandegárias em conjunto com o aumento significativo da renda per capita, em razão da política cambial de valorização do Real, atingindo assim o aumento de 80% em dois anos. As exportações registraram menor desempenho, aumentando em 23% no mesmo período. Essa situação provocou um saldo negativo nestes últimos dois anos.

Dessa forma, pode-se citar o crescimento da Argentina que passou de sétimo para segundo lugar na parceria comercial com o Brasil. Na Tabela 2, verifica-se que as importações brasileiras provenientes da Argentina obtiveram um aumento de 4,2 vezes no período de 1991 a 1996, enquanto as exportações brasileiras para a Argentina atingiram no mesmo período 3,5 vezes. Para o Paraguai, o segundo parceiro no Mercosul, as importações cresceram em 150% no período, já para as exportações (Tabela 3), o aumento foi de 167%. O Uruguai, nesse período, teve um aumento de 114% nas importações e 140% nas exportações.

Tabela 1  
Exportações e Importações Brasileiras  
no Período de 1990 a 1995  
e o Total do Fluxo

(Valores em Milhões de US\$ FOB)

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1990	1.320	2.220	-900
1991	2.309	2.269	40
1992	4.097	2.229	1.868
1993	5.367	3.378	2.009
1994	5.922	4.583	1.339
1995	6.154	6.844	-690
1996	7.306	8.258	-952

Fontes: MICT/SECEX.

(1) Técnico da SPANNA.

Figura 1  
Importações e Exportações Brasil/Mercosul

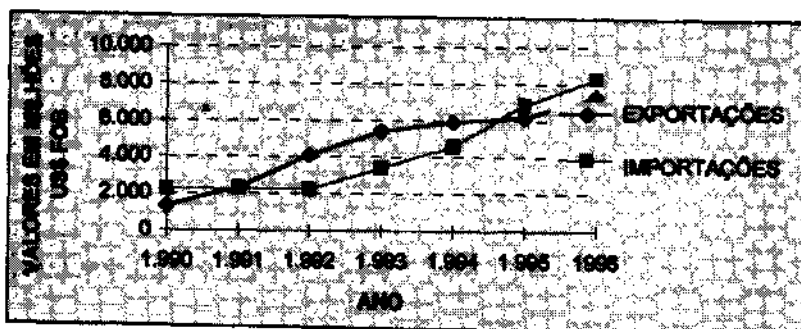


Tabela 2  
Exportações Brasileiras para os Países Integrantes do Mercosul,  
com as Variações Anuais  
(Valores em Milhões US\$ FOB)

Ano	Argentina	Variação (%)	Paraguai	Variação (%)	Uruguai	Variação (%)	Total
1990	645	0	390	0	285	0	1.320
1991	1.478	128,54	455	30,53	337	14,24	2.309
1992	3.040	105,98	543	9,48	514	52,52	4.097
1993	3.659	0,36	952	75,32	776	50,87	5.387
1994	4.136	13,04	1.054	10,71	732	-5,67	5.922
1995	4.041	-2,30	1.301	23,43	812	10,99	6.154
1996	5.170	27,94	1.325	1,84	811	-0,12	7.306

Fonte: SECEX.

Tabela 3  
Importações Brasileiras para os Países Integrantes do Mercosul  
com as Variações Anuais  
(Valores em Milhões US\$ FOB)

Ano	Argentina	Variação (%)	Paraguai	Variação (%)	Uruguai	Variação (%)	Total
1990	1.340	0	331	0	527	0	2.200
1991	1.815	20,52	220	-33,93	434	-20,06	2.269
1992	1.732	-7,24	195	-11,36	302	-30,41	2.229
1993	2.717	56,87	276	41,54	385	27,48	3.378
1994	3.662	34,78	352	27,54	569	47,79	4.583
1995	5.591	52,68	515	46,31	738	29,70	6.544
1996	6.775	21,16	531	3,12	952	25,28	8.258

Fonte: SECEX.

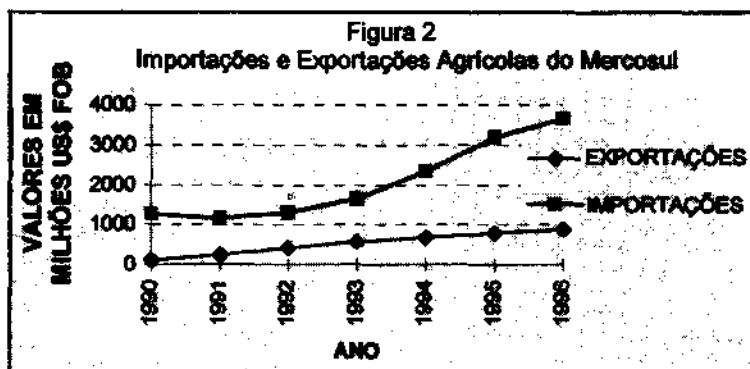
### 3. EVOLUÇÃO DO FLUXO COMERCIAL AGRÍCOLA BRASIL/MERCOSUL

Historicamente o Brasil é um grande importador de produtos agrícolas dos países que hoje compõem o Mercosul. Este fato é constatado pela Tabela 4, com o resultado da balança comercial agrícola brasileira no Mercosul, apresentando saldos negativos no período de 1990 a 1996. Apesar deste fato, o saldo agrícola total do Brasil com o resto do mundo vem se mostrando positivo nos últimos sete anos. Observa-se ainda que, no ano de 1996, as importações de produtos agrícolas representaram cerca de 44 % do total das importações do Mercosul (Tabela 1). No entanto, as exportações agrícolas para os países integrantes têm menor peso, representando 12% do total. Isto deve-se ao fato do Brasil possuir maior capacidade de agregar valor aos produtos e deficiência na produção de certos produtos básicos como trigo, algodão e laticínios. Cabe ressaltar que, nas importações brasileiras de produtos agrícolas, o Mercosul participa com 43% do total. O maior fluxo de importação e exportação de produtos agrícolas brasileiros no Mercosul é verificado pela Argentina (Tabelas 5 e 6), representando 71% nas importações e 50% no total dos países membros. A eficiência argentina é motivada pelos baixos custos de produção e pelas condições climáticas favoráveis para a produção agrícola.

Tabela 4  
Importações e Exportações e o Saldo Comercial Agrícola do Brasil com o Mercosul,  
(Valores em Milhões de US\$ FOB).

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1990	119	1.385	-1.266
1991	233	1.288	-1.055
1992	416	1.302	-885
1993	577	1.655	-1.078
1994	673	2.340	-1.667
1995	784	3.165	-2.401
1996	884	3.646	-2.762

Fonte: SECEX.



#### 4. AS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DO MERCOSUL

##### TRIGO

De todos os produtos agrícolas o trigo é o de maior peso, mantendo-se na liderança desde 1990 com US\$ 278 milhões, tendo obtido um crescimento de 237,41% até o ano de 1995, atingindo US\$ 877 mi-

lhões. Esse produto representou, em 1990, 41% de todas as importações agrícolas no Mercosul e 24% em 1996. Do total das importações de trigo no Mercosul, 97% foram provenientes da Argentina, que também representou 74% do total de importações brasileiras de trigo. A sua produção atual no Mercosul é de aproximadamente 19.446 mil toneladas (4% da produção mundial). Deste total, a Ar-

gentina participa com quase 80%, Brasil com 16%, Paraguai com 2,7% e Uruguai com cerca de 2,3% da produção dos quatro países.

A produção de trigo no Mercosul está concentrada basicamente entre a Argentina e o Brasil. A Argentina é o grande produtor e exportador do Mercosul, e o único exportador de farinha dos quatro países. No ano de 1987, exportou 13% do total da sua produção de trigo, aumentando para 58% no ano de 1995.

No Brasil a produção de trigo vem decrescendo de forma ininterrupta desde o ano de 1987 passando de 5,6 milhões de toneladas para 3,2 em 1996 e, ao mesmo tempo, o consumo interno brasileiro passou de 8 milhões de toneladas em 1986 para 8,5 milhões de toneladas em 1995.

O trigo é um alimento básico por excelência e, por esse motivo, tem sido alvo de medidas de proteção pelos países produtores. Ao nível do Mercosul, o Brasil é o país mais dependente de importações de trigo, devido as suas necessidades de suprir o alto consumo per capita. A adoção de um imposto externo comum a partir de janeiro de 1995 foi um dos principais fatores que mais favoreceram a Argentina como fornecedor de trigo e de seus subprodutos para o Brasil. Além disso, a Argentina possui uma aptidão edafoclimática mais favorável que os demais países do Mercosul (Adreani, 1993).

**Tabela 5**  
Exportações Agrícolas Brasileiras para os Países Integrantes do Mercosul

(Valores em Mil US\$ FOB)

Ano	Argentina	Paraguai	Uruguai	Total
1990	48.915	38.380	30.674	118.969
1991	123.402	72.525	37.168	233.095
1992	258.722	101.791	55.859	416.372
1993	317.352	172.558	87.518	577.428
1994	371.388	209.749	91.800	672.937
1995	369.047	295.912	118.557	783.516
1996	437.620	289.392	177.167	884.179

Fonte: SECEX

**Tabela 6**  
Importações Agrícolas Brasileiras dos Países Integrantes do Mercosul

(Valores em Mil US\$ FOB)

Ano	Argentina	Paraguai	Uruguai	Total
1990	828.833	275.830	280.893	1.385.556
1991	868.199	182.487	237.683	1.288.369
1992	971.929	182.385	167.680	1.301.974
1993	1.198.199	214.565	244.174	1.654.938
1994	1.680.017	294.229	385.287	2.359.533
1995	2.311.001	449.721	424.099	3.184.821
1996	2.594.227	479.892	571.800	3.645.719

Fonte: SECEX

**ALGODÃO** - O Brasil é o maior comprador de algodão do Mercosul e um dos maiores compradores do mundo. Em 1996 as importações totalizaram 858 milhões, sendo o segundo produto na lista de importações agrícolas. Do total das importações 46% foram feitas do Mercosul, sendo 26% vindos da Argentina e 20% do Paraguai. Nos últimos seis anos o Brasil diminuiu a área colhida de algodão arbóreo em cer-

ca de 90%, resultando na diminuição da produção em 83%.

O problema que agrava a cotonicultura no país está na colheita, que tem de ser feita em poucos dias e necessita de um grande número de apanhadores. A desqualificação da mão-de-obra na colheita vem tomando a cultura de algodão no Brasil inviável. Basta notar que o custo de produção brasileiro é o maior no Mercosul, ficando em US\$ 665/ha, sendo 39% a mão-de-obra do custo total. No Paraguai o custo de produção é de US\$ 537/ha. A falta de variedades adaptadas de algodão e a alta incidência de pragas em conjunto com uma colheita não mecanizada tem tornado o nosso país ineficaz na competição desta cultura no Mercosul.

**ARROZ** - O arroz é o terceiro produto agrícola de importação brasileira no Mercosul, apesar do Brasil produzir cerca de 61% de todo o arroz na América do Sul. É um dos dez principais produtores de arroz do mundo. O déficit de arroz brasileiro surge do alto consumo per capita no Brasil, que é de 74,6 kg/hab./ano, enquanto na Argentina o consumo per capita é de 11 kg/hab./ano, tendo o Uruguai o menor consumo per capita do Mercosul, 6 kg/hab./ano. A produção de arroz no Mercosul tem-se mantido estável de 1991 a 1996, com um aumento de 13% na produção nesse período, chegando a 12 milhões de toneladas em 1996, sendo que o Brasil participou com 88% do total produzido no Mercosul.

O Brasil produz anualmente em torno de 10 milhões de toneladas, atendendo cerca de 90% do consumo nacional. Apesar desse fato, continua sendo o maior importador de arroz nos países integrantes do bloco. Basta verificar que do total de arroz importado pelo Brasil, em 1996, 98% tiveram origem do Mercosul, sendo 37% proveniente da Argentina e

56% do Uruguai. O grande incremento nas importações no período de 1990 a 1996 surge do aumento do consumo em conjunto com a diminuição da produção brasileira. Esse decréscimo é decorrente das desvantagens comparativas brasileiras em relação ao arroz produzido nos países integrantes do Mercosul. A alta carga tributária incidente na cultura do arroz, cerca de 40% do custo total e o alto valor do arrendamento da terra, desestimulou os produtores do Sul do país que estão se direcionando para os países vizinhos, pois na Argentina o valor do imposto pode chegar a 16% e no Uruguai a 14% no final do custo da produção de arroz irrigado (Rucatti, 1995).

**SOJA** - Em seguida pode-se citar a soja e seus derivados. O Brasil é o principal produtor e importador de soja, com 23 milhões de toneladas produzidas em 1996 e importando 937 mil toneladas. A Argentina produziu no mesmo período 14 milhões de toneladas, e o Paraguai 2,5 milhões de toneladas. Os quatro países juntos produziram cerca de 31% de toda soja mundial, enquanto para o óleo de soja o Mercosul participou com 25% de toda a produção mundial e 50% do comércio mundial.

O Paraguai, portanto, tem fundamental importância nas importações de soja em grão, tendo sido, no ano de 1996, responsável por cerca de 76,5% de todas as importações brasileiras. No período de 1991 a 1995, o aumento de importações do Paraguai foi de 6,5 vezes, passando para 172 milhões de dólares, em 1996, ou seja, 32% de sua produção é colocada no Brasil e reexportada para outros continentes. Esse aumento foi favorecido pela migração de produtores brasileiros para terras paraguaias. Este fato é constatado, pois no ano de 1991 a Argentina participou com 94% de todas as importações brasilei-

ras de soja no Mercosul, sofrendo uma diminuição progressiva, chegando a não haver nenhuma importação de soja argentina realizada pelo Brasil no ano de 1996. Nas importações de soja pelo Brasil, o aumento alcançou 172% no período de 1991 a 1996. No tocante às importações brasileiras de óleo de soja do Mercosul, houve um incremento de 341%, sendo que as importações do Paraguai aumentaram em 750% no mesmo período e as provenientes da Argentina tiveram uma diminuição de 98%. Esses dados representam o aumento de importações de produtos de maior valor agregado no complexo soja.

O Brasil experimentou desde a década de 70 um crescimento acentuado no parque industrial de soja e seus complexos, aliado também a uma política de desenvolvimento de novas variedades e apoio às atividades de exportação de soja, favorecendo assim a alta demanda deste produto (Gelsomino, 1993). Pode-se citar como desvantagens a distância entre a região produtora e os centros consumidores, aliada a uma política cambial que barateia as importações e a uma elevada carga tributária incidente sobre produtos agrícolas, que constitui uma constante ameaça à competitividade da soja (Campos & Netto, 1995).

**MILHO** - O milho, que no período de 1994 a 1995 obteve um aumento de 48,25% em suas importações, passou de US\$ 91,1 milhões para US\$ 135,4 milhões em 1995. Já em 1996 as importações tiveram uma queda acentuada devido à grande produção brasileira. O Brasil possui o maior custo de produção dos países integrantes do Mercosul, ficando com US\$ 315,95/ha, a Argentina com US\$ 152,45/ha, o Paraguai com US\$ 262,54/ha e o Uruguai com US\$ 233,07/ha produzidas. As vantagens brasileiras surgem quando se compara a sua produtividade: (3 toneladas/ha), com as

da Argentina (1,7 toneladas/ha) e do Paraguai (2 toneladas/ha em média). Em 1995, 60% do milho paraguaio foi produzido por brasileiros, incentivados pelo baixo preço das terras e pela taxa de impostos menores (Itamarati, 1995).

No Mercosul a Argentina tem se mantido como principal exportador (sendo o Brasil seu maior consumidor e produtor de milho). Para a Argentina, o milho constitui o grão forrageiro de maior importância quantitativa, atingindo cerca de 70% da produção. A maior competitividade argentina é favorecida pelas condições edafoclimáticas, diminuindo os custos de produção com a menor utilização de insumos, participando com 67% de todas as importações brasileiras de milho feitas dentro do Mercosul. No entanto, a produção de milho argentino vem diminuindo, devido ao incremento considerável da área dedicada à produção de soja, deslocando a cultura de milho que vinha sendo desenvolvida no país (Silva, 1995).

O Brasil é o maior importador e consumidor de milho no Mercosul. Tal fator resulta da demanda do abastecimento, em grande parte das agroindústrias do Nordeste, para a produção de frangos. As desvantagens comparativas brasileiras surgem das incidências de impostos sobre a produção agrícola e agroindústrias que são superiores às dos demais parceiros do Mercosul.

## 6. AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO MERCOSUL

**CAFÉ** - As exportações brasileiras de café em grão aumentaram em 6 vezes para o Mercosul no período de 1990 a 1996. No mesmo período a safra sofreu uma queda de 27% e a área plantada uma queda de 35%. A importância argentina nas importações de café no Mercosul é considerável, sendo responsável por 92% da aquisição de café em grão brasileiro no ano de 1996 dentro do Mercosul, e compra 5% do total que o Brasil exporta para

o resto do mundo. O Paraguai foi responsável por 2% e o Uruguai por 1%.

**AÇÚCAR** - Em seguida, tem-se a cana de açúcar que, no ano de 1996, atingiu uma produção de 308 milhões de toneladas, com o rendimento de 67 t/ha. No Brasil, 60% da produção é destinada à destilação de álcool, enquanto a Argentina tem destinado a sua produção para o açúcar. As exportações de açúcar cristal no ano de 1996 foram de 934 milhões de dólares. Para os países integrantes do Mercosul essas exportações atingiram 31,45 mil toneladas, representando 3,02% das exportações globais brasileiras. Nas exportações para o Mercosul, a Argentina comprou 74% do total, o Uruguai e o Paraguai representaram com 13% para cada país.

O açúcar para a Argentina, é um produto sensível à competitividade brasileira, participando das listas de exceções com uma alíquota de 25% para as exportações brasileiras para a Argentina. A baixa competitividade argentina surge dos altos custos de produção da indústria açucareira que é de US\$ 24 por tonelada, enquanto a brasileira é de US\$ 12/t (Chaloult, 1995).

A exportação de açúcar cristal para a Argentina, no período de 1994 a 1996, teve uma diminuição de 43%. Essa diminuição foi motivada por negociações entre governos argentino e brasileiro com o empenho de evitar o colapso da indústria açucareira argentina.

**SUÍNO** - Outro produto de exportação sensível à competitividade entre os países do Mercosul é a carne suína. O Brasil já foi o 4º produtor mundial em 1992, possuindo 4% do rebanho mundial (FAO, 1992). No Mercosul o Brasil detém cerca de 77% da produção de carnes de suíno.

Nas exportações de todos os tipos de carne suína, 97% são de carnes congeladas. Do total das exportações brasileiras de carne suína congelada para o globo, em 1996, 35% foram para

os países integrantes do Mercosul; deste total, foram exportados para a Argentina 80% no ano de 1996.

Dos quatro países integrantes do Mercosul, o Brasil possui o menor custo de produção chegando a atingir até 10% de diferença nos custos dos demais países. As vantagens comparativas brasileiras surgem de um alto índice zootécnico, sendo o Brasil um fornecedor de tecnologia, equipamentos e produtos veterinários para a América Latina (Lobato, 1995). Pode-se salientar o alto grau de integração das empresas de suinocultura com os produtores rurais.

**AVES** - O complexo avícola tem grande importância no Mercosul, porque o Brasil é o segundo produtor mundial e o terceiro exportador, colocando cerca de 10% de sua produção no mercado mundial. Em conjunto, o Mercosul representa 15% da produção mundial, sendo o Brasil responsável por 84% do total regional (Castillo, 1995).

A eficiência brasileira é uma das melhores do mundo, ficando atrás apenas da França e do Uruguai. A melhor eficiência uruguaia compete ao alto nível sanitário das granjas e a deficiência argentina é decorrente do alto nível de mortalidade e perdas em todo o complexo.

O Brasil sofre problemas na comercialização de carne de frango intra-Mercosul. Esses problemas são decorrentes de barreiras sanitárias impostas principalmente pelo Uruguai que está livre da doença Newcastle, desta forma restringindo importações de carne de frango brasileira.

A produção brasileira de carcaça, em 1996, foi de 4.400 mil toneladas, correspondendo a 13% da produção mundial, enquanto na Argentina a produção foi de 582,3 mil toneladas, equivalentes a 1,24% da produção mundial. A produção paraguaia e a uruguaia foi de 30 mil toneladas para cada país.

O consumo per capita brasileiro no mesmo ano foi de 24,7 kg/pessoa/ano (quilos de

equivalente carcaça), enquanto o argentino foi de 21,9 kg/pessoa/ano. O consumo per capita brasileiro teve um aumento de 67% no período de 1992 a 1996, enquanto a produção obteve um aumento de 41%.

A eficiência brasileira na produção de frangos vem de um sistema de integração da indústria com os produtores (integração vertical). Dessa forma, podemos ressaltar a sua importância fundamental na avicultura. Do preço final do frango ao consumidor, 76% referem-se ao custo de industrialização de carne de frango (Castillo, 1993). Em 1993, a concentração das empresas avícolas no Mercosul encontrava-se na seguinte forma: no Brasil as 14 principais empresas detinham 50% da produção; na Argentina as 5 maiores empresas detinham 37% da produção e no Uruguai as 4 maiores indústrias detinham 95% da produção e distribuição.

## 7. A EVOLUÇÃO DOS FLUXOS AGROPECUÁRIOS E AGROALIMENTARES

As exportações de produtos agroalimentares têm crescido substancialmente, conforme demonstrado na Tabela 7. No ano de 1990, os produtos agroalimentares representaram 53% do total das exportações e, no ano de 1996, essa participação no total foi de 67%.

Enquanto a participação dos produtos agropecuários no total de produtos agrícolas vem diminuindo, no ano de 1990 representou 47% no total de exportações, diminuindo para 33% no ano de 1996. No total, as exportações tiveram um aumento de 7,5 vezes no período de 1990 a 1996. Esses números comprovam o aumento significativo das exportações para o Mercosul quando comparadas com as exportações agrícolas brasileiras para o resto do globo, que tiveram um aumento de 87,5% no mesmo período. O aumento nas exportações de agroalimentares é verificado pela maior eficiência brasileira em agregar valor aos produtos agropecuários.

Os principais produtos agroalimentares de exportação no ano de 1996 foram: cigarro, café torrado, açúcar e produtos confeitados a partir de cacau, enquanto os agropecuários foram: café, mate, carne de frango e suíno.

As importações dos agropecuários para os países membros (Tabela 8) representaram, no ano de 1990, 77% sobre o total agrícola. As importações brasileiras de produtos agropecuários vem decrescendo na participação no total de produtos agrícolas. No ano de 1996 atingiu a cifra de 70%. Já os produtos agroalimentares no ano de 1990 representaram 13% sobre o total agrícola, representando, neste ano, 30% do total de importações agrícolas. Explica-se as importações de produtos agropecuários pela alta demanda interna de trigo, algodão e de insumos para a preparação de ração animal. Os aumentos nos agroalimentares são explicados pela queda das taxas aduaneiras e a liberação das importações, e pelo aumento do poder aquisitivo da população em função da política de valorização do Real. Os principais produtos agroalimentares importados foram: lácteos, bebidas, óleo de soja, óleo de girassol e produtos confeitados de cacau; nos agropecuários se destacaram: trigo, soja, milho e arroz.

Tabela 7  
Total das Exportações de Produtos Agropecuários e Agroalimentares Brasil-Mercosul, (Valores Em Milhões Us\$ FOB).

Ano	Exportações		
	Agropecuário	Agroalimentar	Total
1990	58	63	119
1991	103	130	233
1992	242	174	416
1993	287	290	577
1994	294	379	672
1995	308	478	783
1996	377	507	884

Fonte: DECEX.

Tabela 8  
Total de Importações Produtos Agropecuário e Agroalimentares Brasil-Mercosul, com as Respectivas Participações nos Totais

Ano	Importações		
	Agropecuário	Agroalimentar	Total
1990	1.062	192	1.385
1991	968	158	1.288
1992	757	554	1.302
1993	973	682	1.654
1994	1.422	918	2.340
1995	1.830	1.355	3.185
1996	2.543	1.103	3.646

Fonte: DECEX.

## 8. CONCLUSÕES

O Mercosul representa para o Brasil grande oportunidade e expansão dos horizontes comerciais, políticos e culturais, firmando-se como um espaço cada vez mais relevante no intercâmbio entre os países integrantes. Portanto, ressalta-se a regionalização comercial ocorrida entre o Brasil e os países integrantes do Mercosul, indicando um desvio de comércio agrícola para os mesmos.

A análise do comportamento do setor primário, em termos de competitividade brasileira frente aos países partes, está intrinsecamente relacionado com o complexo agroindustrial. Dessa forma, o potencial agrícola necessita de um programa de reconversão, abrangendo a modernização de toda a cadeia produtiva.

A harmonização do sistema tributário no Mercosul é um dos principais fatores de regularização da competitividade agrícola brasileira com os países integrantes. Ressalta que os altos tributos cobrados na agricultura brasileira têm prejudicado a sua competitividade, sendo a maior alíquota dos países integrantes, tomando, assim, os preços dos insumos agrícolas mais altos.

## BIBLIOGRAFIA

- ADREANI, P.G. Diagnóstico de Competitividade Agropecuária e Agro-industrial a nível de Mercosul. **Informe Setorial de Trigo Farinha**, BID.201p. 1993
- ALMEIDA, P.R. Dois anos de Processo Negociador no Mercosul, Caminhos e Processos de Negociação. **Boletim de Integração Latino Americana, Edição Especial**. p. 10-17. Brasília. MRE, 1994,
- AMORIM, A.B.N. O Mercosul e a integração Latino-Americana. **Boletim de Integração Latino-Americana**. Nº 14, Brasília. MRE, p. 62-67, 1994.
- BRANDÃO, M. A D. Uma Avaliação do Processo Negociador. **Boletim de Integração Latino Americana, Edição Especial**. Brasília. MRE, p. 01-09. 1994,
- CHALOULT, Y. & HILLCOAT, G. Regionalização do Cone Sul e Comércio Agropecuário. Seminário SFER - UNIGRAINS - CIRAD. Paris. 31p. 1995
- CAMPOS, C. A. & NETTO, V. S. N. Impactos do Mercosul na Produção e Comercialização de Milho e da Soja na Região Centro Oeste. **Revista de Política Agrícola**. MAARA, p 10-14 out-nov-dez 1995.
- CASTILLO, P.R. El Complejo Avícola en Entre Ríos. **Proyecto FAO-MERCOSUR**, 73 p 1993
- CONAB. MERCOSUL AGRÍCOLA, **Revista nº 01**. Brasília-DF MAARA.1991.
- CRIVIELA, G. Diagnóstico Agrônômico da Cebola no Rio Grande do Sul. **EMATER/RS** Porto Alegre. 98p,1993.
- DRUMMOND, M.C. O Mercosul e a Articulação de Atores Sociais: o Caso Brasileiro (1991-1994). Universidade de Brasília. Brasília-DF. 216p,1995.
- GELSOMINO, E. **Diagnóstico de Competitividade Agropecuária e Agro-industrial a nível de Mercosul**, Complexo Oleaginoso- SGT Nº 08, 204p, 1993
- KUNZLER, J.P. MACIEL, C. Mercosul e o Mercado Internacional. **Boletim de Integração Latino-Americana** Nº 14, Brasília. MRE, p. 335-337. 1994,
- LÍCIO, A. M. A. A Tributação da Agricultura no Brasil: Relatório final. Brasília: IPEA, p141, 1994.
- MEDEIROS, J.A.D. Quadro Normativo e Institucional, pós-Ouro Preto. **Boletim de Integração Latino-Americana nº16**. Brasília. MRE, p. 01-06, 1995.
- RUCATTI, E.G. Diagnóstico do Complexo Arroz dos Estados do RS, SC e MS no Âmbito do Mercosul. **IRGA/RS**, p. 45, 1995.
- SILVA, R.P. **Diagnóstico de Competitividade Agropecuária e Agro-industrial a Nível de Mercosul**, Relatório Setorial de Milho., BID. p116, 1994.
- VILLWOCK, L.H.M. **Impactos Econômicos do Mercosul, sobre as Cadeias de Produção de Trigo, Soja, Milho, Suínos e Aves**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p.222 1993